

*Vinte e Simana*

LEANDRO GOMES DE BARROS

A VIDA DE  
JOÃO LEZO

(Superior a Cancão de Fogo)

● HISTORIA COMPLETA ●

A' venda na casa auctor e editor  
em Alogados á rua do Motocolombó n. 28  
Arrabalde do Recife.

Typ. da Popular Editora  
Rua da Republica 65  
PARAHYBA

*Anno 1976.*

## A VIDA DE JOÃO LEZO

(Superior a Cancão de Fogo)

João Lezo era como dizem  
Uma ovelha desgarrada  
Dizia : o mundo é um ovo  
O povo é uma ninhada  
A morte é um anno secco  
A vida é uma invernada.

Prazer nunca o fez sorrir  
Pena nunca o fez chorar  
E dizia eu não procuro  
Aquillo que tenho de achar  
Deus ajuda a todo mundo  
Não precisa eu trabalhar.

Tenho por futuro o tempo  
Por herdeiro o urubù  
Por casa as furnas de pedra  
E por socio o tapurú  
Apueira, sujo e lama  
Me vestem quando estou nù.

João Lezo estando comendo  
Qualquer pessoa chegava  
Arrebatava-lhe o pão  
E elle não se vexava  
E elle achando outro comendo  
Da mesma forma tomava.

Um dia prenderam elle  
Foi João Lezo ao calabouço  
Por ter elle arrebatado  
Um queijo da mão de um moço  
Varreu 4 ou 5 ruas  
Com o queijo no pescoço.

Ora levaram João Lezo  
Para ser interrogado  
Conte-me o roubo que fez  
Disse a elle o delegado  
João Lezo ergue a cabeça  
Respondeu ao magistrado.

Dizendo, eu não roubei queijo  
O queijo sim, foi tomado  
E dou provas como o queijo  
Não foi do bolço tirado  
E todos viram que eu trouxe-o  
O domno estando acordado.

O Juiz tomou-lhe o queijo  
Exclamou João Lezo então  
Eu ja sei o juiz quer  
E' cem annos de perdão  
E' um direito que existe  
Ao que rouba outro ladrão.

E arrebatou o queijo  
Metteu na bocca e comeu  
Não coma, disse o juiz  
João Lezo, disse; esse é meu  
Varri as ruas por elle  
Não estou comendo o que é seu.

Levaram João Lezo prêzo  
Depois mandaram o soltar  
Não é favor disse elle  
Tinham que me libertar  
Não me querem na cadeia  
Para não me sustentar.

Um padre um dia viu elle  
Deitado no meio da rua  
Dissè: infeliz faz-me pena  
Uma vida como a tua  
Disse João Lezo: senhor padre  
Tenha lá, pena da sua.

Monstro! retorquiu o padre  
Tu morres sem confissão  
E' pequeno o prejuizo  
Não me faz alteração  
Eu só desejo na vida  
Qué nunca me falte o pão.

Se tu morreres aqui  
Por mim não és confessado  
Disse João Lezo eu só quero  
Que não me falte peccado  
De confessor esse mundo  
Hoje está quasi empestado.

Confissão é uma cousa  
Que não nos rende dinheiro  
E qualquer confessor desses  
E' grande mexiriqueiro  
Pegando em qualquer daquelles  
Pega num grande enredeiro.

Disse o padre, deixe está  
Se você morrer aqui  
Eu não hei de confissal-o  
Inda mesmo eu estando alli  
Por mim, disse êle o senhor  
Passa toda vida ahi.

Eu tendo peccado guarço  
Posso inda ter precisão  
Ninguem diga neste mundo  
Eu não como desse pão  
E nem bebo dessa agua  
Assim nos diz o rifão.

Se acaso tiver peccado  
E' meu não dou a ninguem  
Quem tiver inveja disso  
Pode guardal-os tambem  
Use da economia  
Não dê aquillo que tem.

João Lezo um dia empregou-se  
Para vender taboleiro  
Levava os bolos pr'a a sua  
La passava o dia inteiro  
Voltava a tarde ou a noite  
Sem bolo e sem o dinheiro.

Dizendo eu vendi os bolos  
Porem foi tudo fiado  
Se levasse mais 10 tantos  
Nem um teria ficado  
A sahida é que influe  
Pouco importa o resultado.

O patrão naquella hora  
Pegou-o e metteu-lhe o feio  
Disse João Lezo; patrão!  
Para um caxeiro isso é feio  
Eu sou empregado serio  
E não quero esse paleio.

Não estamos em carnaval  
E eu não gosto de festa  
Quem me quizer é assim  
E minha vidinha è esta  
Quer brincar brinque direito  
Caçoada assim não presta.

Disse o homem và embora  
Cabra ladrão descarado  
João Lezo alli perguntou  
Padrão isso é ordenado?  
Onde achou esta moeda  
Que paga a seu empregado?

Va ver sua roupa e suma-se  
Se não torna a apanhar  
João Lezo olhou e lhe disse  
O patrão gosta de dar?  
Quem bôa cama fizer  
Nella tem que se deitar.

João Lezo tinha uma camiza  
É um palitot rasgado  
A patroa de João Lezo  
Ordenou ao empregado  
Que botasse-o no munturo  
E tudo fosse queimado.

João Lezo ergueu o braço  
Deitou a mão na patrôa  
E lhe disse essa moeda  
Quadra-lhe bem na pessoa  
Quem me deu foi o patrão  
Receba, essa muito bôa.

Dizia meu professor  
Não queira ser mais que alguém  
E só devemos querer  
Aquillo que tudo tem  
Quem for a terra dos sapos  
Ande de cocora tambem.

Eu vendi bolo fiado  
Para dar grande sahida  
O patrão metteu-me o pão  
Quasi que me tira a vida  
Vossa mercê com os murros  
Fica tambem recebida.

Liquidemos nossas contas  
Está paga também, não é?  
Dê-me agora o atestado  
De homem de boa fé  
Eu recebi sipò-páu  
Vossa merce ponta-pé

Garanto que de hoje em diante  
Eu tomarei mais cuidado  
Nem a um apóstolo de christo  
Vendo mais bolo fiado  
E a senhora mais nunca  
Queima roupa de empregado.

Sahiu João Lezo vagando  
Sem ter em que se occupar  
Um frade lhe perguntou  
Filho queres te empregar?  
A vida lá no convento  
E' comer e vadiar.

Quero, responder João Lezo  
Lá terá bom ordenado?  
Disse-lhe o frade; com forme  
O dia e o apurado  
Porque quem pede e quem furta  
Não tem preço estipulado.

Filho como tú te chamas?  
O frade lhe perguntou  
João Lezo, é como me chamam  
O frade se admirou  
Mas disse com seus botões  
Este, foi Deus quem mandou.

O frade olhou bem João Lezo  
Tornou a lhe perguntar  
Onde estavas empregado  
Porque quizeses deixar?  
Porque dinheiro dalli  
Não corre em todo lugar.

Isso respondeu João Lezo  
Fazendo uma cara feia  
Dizendo o patrão é bom  
Mas só vive as custa alheia  
Lá o dinheiro so corre  
No quartel e na cadeia.

O frade sondou João Lezo  
Disse tem unhas de gato  
Tem astucias de rapoza  
Habilidade de rato  
Não tem manhas encobertas  
E' lezo como de facto

O frade alli perguntou-lhe  
João você sabe resar?  
Ah! padre santo não sei  
Não quizeram me ensinar  
Só aprendi neste mundo  
Foi vender tudo e trocar.

O frade disse com sigo  
Ja sei que estou arrumado  
Qualquer um trocador desses  
E' estradeiro collado  
Se elle for como eu desejo  
Tirarei bom resultado.

O frade tinha arrumado  
Numa cocheira um jumento  
Um freguez tinha-o deixado  
Alli por esquecimento  
O frade tinha-o botado  
Na muralha do convento.

Consultou aos outros frades  
O que podiam fazer  
Disse frei Lopes João Lezo  
Sabe trocar e vender  
O jumento na mão d'elle  
Quem sabe o que há render.

Disse um fradête inda novo  
Eu tenho desconfiado  
Que o calculo de frei Lopes  
Não tenha sahido errado  
João Lezo aqui no convento  
Vem deixar tudo lezado.

Frei Lopes chamou João Lezo  
Perguntou se se atrevia  
A dar um bolo de raça  
No cura da freguezia  
Por troca apanhar um poldro  
Que o vigario possuia.

Oh! João! o frade dizia  
O poldro é castanho escuro  
Não a nelle um sò defeito  
E' raça de sangue puro  
Aquillo pode chamar-se  
Um conto de reis seguro.

Nós temos esse burrinho  
Embora esteja arreado  
Porem limpando-se os dentes  
Escovando-o com cuidado  
Pregando uma peça bôa  
O burrinho da resultado.

O frade foi ver o burro  
Limpou-o casco por casco  
Dizendo com seus botões  
Cura velho hoje te lasco  
Este burro é uma força  
E João Lezo é um carrasco.

O vigario tambem era  
Um quengo fino e lixado  
Nunca alguem trocou com elle  
Que não tivesse apanhado  
Não havia um trocador  
Que não tivesse assignado.

Um estradeiro uma noite  
Chegou la com um jacú  
Para trocar por um gallo  
Dizendo ser um Perú  
O vigario em vez de um frango  
Deu a elle um urubù.

A noite era muito escura  
O rapaz na mesma hora  
Levou o bicho e dizia  
Enganei o cura agora  
Soltou o urubù em casa  
La foi o bicho embora.

Volta o rapaz diz ao cura  
Aquillo não era gallo  
O vigario disse : era  
Eu havia de enganar-o ?  
Era de raça estrangeira  
Eu comprei para criar-o.

Tanto que depois da troca  
Eu fiquei arrependido  
E lhe voltava dinheiro  
Se você tem o trasido  
E' pena um frango daquelle  
Não crear-se ter fugido.

Os frades puseram o burro  
Um animal aceiado  
Limparam-lhe bem os dentes  
Depois de bem escovado  
Botaram-lhe outros cabellos  
Aonde estava pellado.

Disse : João Lezo leve-o  
Antes do padre almoçar  
Porque antes do almoço  
E' mais facil se pegar  
Faça o trabalho bem feito  
Deixe o vigario chorar.



João Lezo chegou no burro  
Riscou na porta do padre  
O vigario muito alegre  
Lhe disse apei-se compadre  
De quem é este bichinho?  
Disse João Lezo é de um frade.

O frade manda vendel-o  
Ou manda você trocal-o  
Disse João Lezo elle manda  
Que troque por um cavallo  
Disse o padre eu tenho um poldro  
E posso negocial-o.

Disse João Lezo é commigo  
Serà o castanho escuro?  
E respondeu o vigario  
Aquillo é bicho seguro  
E' um cavallo acordado  
Aquelle faz seu futuro.

Mas você volta ao convento  
E traz autorisação  
Assignada pela ordem  
Para qualquer tranzação  
Dando-lhe pleno poder  
Para pague-se e quitação

João Lezo foi ver a ordem  
Promptamente o frade deu  
Depois da troca feita  
Disse o padre; o burro é meu  
Volte duzentos mil reis  
E leve o poldro que é seu.

João Lezo foi ver o cobre  
Porem por esquecimentos  
Em vez de duzentos mil reis  
Disse que eram quatrocentos  
Disse que o poldro valia  
Uns vinte ou trinta jumentos.

Deram o cobre a João Lezo  
Elle voltou sem demora  
Chegou la o padre disse  
O poldro morreu agora  
Ajunte gente e carregue-o  
Ja botei elle alli fora.

Disse João Lezo senhor padre  
Isso assim não me convem  
Assim dessas condições  
Eu mato o burro tambem  
Traco um defunto por outro  
E' o remedio que tem.

Disse o vigario te dou  
Trinta mil reis pelo burro  
Disse João Lezo eu o levo  
Chego no convento impurro  
Porque em faca de ponta  
Sou lezo mas não dou murro.

Levou o poldro ao convento  
O poldro morto e enchado  
Quando o frade viu aquillo  
Ficou tão desesperado  
Que se João Lezo não corre  
Tinha sido fuzilado.

João Lezo dos mil diabos  
Que negocio você fez?  
Eu fiz o que ja lhe disse  
Isso por mais de uma vez  
Couzas de frade de padre  
Quem entende são vocês

Os frades naquelle dia  
Ficaram queimando os pés  
Alem de perder o burro  
Mas quatrocentos mil reis  
João Lezo de madição  
Levou mais de cento e dez.

*ficou agri*

4013

A V I S O

A sahir brevemente: viagem que  
João Lezo fez quando um bispo  
mandou levar a sua mãe a um  
logar chamado céo.

(4013)